

Auxiliando a denuncia

Abriremos espaço, hoje, em nossas columnas para a denuncia do fraudes que os antigos operarios da Sellaria Militar de Brüggemann, Pereira & C. dirigiram ao presidente da Republica.

Nem seria pensivel deixar de publicar a, pois que o nosso papel no cantinho da imprensa porto-alegrense se faz sempre o de ter por conducta o que é de direito e de justiça.

Esta denuncia, feita em termos concisos, nos quaes resalta a pureza de sentimentos dos que a fazem é baseada em documentos irrefutaveis, não ficará, cremos, sem a devida intervencao dos que, investigal-a compete.

Nos termos em que ella se acha baseada, no fundo, conscio, de suas asserções, não deixa a menor duvida, a menor incredulidade poderá ainda perdurar acerca de que se vai passando naquella sellaria.

Ninguém, embora dominado por sentimentos mesquinhos, teria a coragem de fazer uma denuncia identica sem que para isso estivesse amparado em documentos compromettidos.

No entanto os signatarios da alludida denuncia baseiam-se em provas e pedem para que procedam a sindicancias, pois elles mais provarão ainda, si necessario fór.

Ha um outro ponto a accentuar. O sr. Brüggemann é um dos tantos estrangeiros que, vindos para aqui, enriquecem e são os primeiros a menosprezar, com ditos e outras piquebadas, tudo quanto é do país.

Não vai isto ao caso, no entanto é sempre um pouco mesquinho um procedimento assim.

Forém, o que desejamos é que o presidente da Republica, ao qual está affecto o progresso do nosso país, tome em consideração e mande proceder a sindicancias, o que se segue:

Denuncia de fraudes,

ENVIADA, AO EXCMO. SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA, PELOS ANTIGOS OPERARIOS DA SELLARIA DE BRÜGEMANN, PEREIRA & C., FORNECEDORA DE BELTINS E ARREIAMENTOS PARA O SERVIÇO DO EXERCITO NACIONAL.

Excmo. Sr. Marechal

Hermes Rodrigues da Fonseca
HONRADO PRESIDENTE DA REPUBLICA

Os operarios Ricardo Maciejewski, Pompilio José Martins e Nicola de Guarilha, ex-impregados da sellaria denominada «Militar Brasileira» de propriedade de Brüggemann, Pereira & C., nesta cidade de Porto Alegre, vêm perante vós, como profissionais selheiros e corretores que são, denunciar as escandalosas fraudes com que aquella firma, illudindo a boa fé do Governo, de que V. Ex. é honrado chefe, lesa o Thesouro Nacional nos fornecimentos de sellins e arreiaamentos que por effeito de contracto, effectua para o serviço de Exército.

Desde muito, Excmo. Sr. Presidente, apparecem rebanhos queixas de officiaes e soldados contra o uso dos sellins fabricados na chamada «Sellaria Militar Brasileira» de Porto Alegre. De algumas recordamos de momento, e que serão bem suficientes para confirmar o que acabamos de exprimir.

O estudioso 1.º tenente, de cavallaria, sr. Mario Cruz, em artigo que se publicou na «Revista dos Militares», desta capital, assim se refere ao uso dos sellins fornecidos pela firma Brüggemann, Pereira & C.:

«Não raro é ver-se, após dois ou tres dias de marcha, cavalleiro e ca-

vallo em lamentavel estado. Com o movimento natural produzido pelo assento e resultante das diversas andaduras do animal, forma-se em poucas horas de jornada, da pastilha para o copinho, no sentido longitudinal, uma saliencia ou gomo que vai molestar horrivelmente partes bem delicadas do cavalleiro. Por sua vez, o cavallo não supportará muitos dias de viagem por incharem-se-lhe os lombos, abrindo verdadeiras chagas. E disto teve prova evidente a nossa primeira autoridade militar desta Região, o Excmo. Sr. General Godolphin, quando em viagem de malote do anno findo, 189 leguas, em visita ás guarnições que mais de perto requeriram a sua inspecção. Sr. Ex., valho cabo de guerra, affeito a todos os trabalhos da ardua missão da cavallaria em campanha e conhecedor consciente das nossas necessidades em qualquer emergencia, viu, com pesar, suas ordenanças, homens fortes e campeiros, incapazes alguns de continuar a viagem, tão torturada se achavam pelo arreiaamento em vigor.

No entanto, S. Ex. montado em sella quasi identica á nossa na forma, differente, porém, em muitos detalhes, devida á fabricação e do material empregado, não soffreu o minimo danno, apesar do seu idade em relação á das praças. Das ordenanças que o acompanharam, algumas houve que tão maltratadas e doentes ficaram, a ponto de urinarem sangue.

No 9.º Regimento de cavallaria, Excmo. Sr. Presidente, deve existir archivado um protesto do respectivo medico contra a continuação do uso dos sellins da casa Brüggemann, Pereira & C., os quaes, dizia aquelle doutor, já haviam sido a causa de graves enfermidades em officiaes e praças do dito Regimento, dando, até, motivos para intervenções cirurgicas.

Os graves defeitos notados naquelles sellins pelo sr. 1.º tenente Mario Cruz e por muitos outros officiaes do Exército, também nós, como profissionais, netramos e tentaramos, por varias vezes sanar, militando para esse nosso procedimento tres circunstancias de valor, a nosso juizo: o nosso dever de operarios que têm consciencia do saber o seu officio; a consideração que nos merecem a vida e a saúde dos nossos companheiros que precisam utilisar-se de taes sellins; e, finalmente, a revolta que nos causava sermos obrigados, como empregados da sellaria, a contribuir para que se fraudasse daquelle modo o Governo, no fornecimento ás tropas, dando-se-lhes artigos mal acabados propositalmente, de material ordinario, quasi que todo de refugio, em algumas partidas, por preço escandalosamente elevado.

Mas as nossas tentativas nesse sentido eram infructiferas e dellas mesmo resultavam, não raro, certa indisposição do sr. Brüggemann e do seu filho, que são os directores da fabrica, contra quem lhes fazia notar os alludidos defeitos. Recordam-nos, aliás, de que recebendo uma reclamação acompanhando a devolução de vinte e tantos sellins de mau material, fornecidos, supponho, que á guarnição da capital da Republica, (que, aliás, é para onde a firma remette os melhores, os mais caprichados...) o sr. Brüggemann teve esta phrase offensiva: «Os sellins esão muito bons, esses macacos é que não sabem andar a cavallo».

Enquanto permanecemos ao serviço da chamada «Sellaria Militar», fomos obrigados a calar esses factos. Agora, porém, que espontaneamente della nos retiramos, entendemos que a nossa honestidade impõe fazermos a presente denuncia, assim de que V. Ex. possa ter um ponto de partida para mandar proceder ás rigorosas

sindicancias a respeito, e para alliar as quaes nos collocamos ás ordens do Governo, indicando-lhe onde colherá da seguras provas do que ora affirmamos sob nossa palavra de honra.

Passemos, pois, a enumerar as fraudes commettidas pela firma Brüggemann, Pereira & C.:

Nos sellins. O modelo approvado é ferrado da lona especial, resistente e duravel; o artigo fornecido, em quasi sua totalidade, é ferrado de algodão ordinario, fraco e que nem nada se assemelha á lona. «No assento e abas»: o modelo tem vaqueta de 1.ª qualidade; o artigo fornecido é de vaqueta ordinaria, meia crúa, queimada. As abas, de modelo approved, são costidas com linha forte, grossa, que é a apropriada para tal fim; as dos sellins que a firma vende ao Governo são, «propositalmente», costidas com linha fina, para que se torsem sem segurança, e disso resultam as ditas abas se descezerem, após o uso de pouco tempo. «Por baixo da vaqueta» deve haver feltro superior, de accordo com o contracto; a firma fornecedora manda collocar, em vez disto, feltro ordinario, sem a elasticidade nem a resistencia necessarias, produzindo-se, assim, o abaximento do assento do sellin, que se torna duro e incommodo ao cavalleiro. «A vaqueta» é enfraquecida a vitriolo. O sr. Brüggemann impõe ao operario que ao espichal no assento da forma queime-a com aquelle corrosivo, e que repita esta fraude escandalosa quando se arma o sellin, depois do prompto e, afinal, quando é encaixotado, para ser expellido, o artigo soffre ainda uma vez essa deshonesta operação.

As bolsas deveriam ser sem «offendido» (cava para esconder o ponto ou costura). Nas fornecidas pela casa existe o «offendido» aberto, e de tal modo pronunciado que o objecto não poderá ter mais do que a metade da duração exigida ou calculada no contracto.

Os apêres. O modelo é de sola especial; os fornecidos são fabricados com sola meia crúa, quebradiça.

Alforques. A amostra é costida á machina apenas em parte tendo as costuras rematadas á mão, o que evita que se descola facilmente. O sr. Brüggemann, com intuito de conseguir fazel-os fracos, manda costural-os á machina, com linha fina, e que o arreimate seja arrojado, com um nó do proprio fio da linha da machina. Na parte da frente dos alforques, onde deve haver couro de lombo, é empregado couro fragil, de virilha, tendo, pelo lado de dentro, para illudir e simular resistencia, retalhos de couro qualquer, collados.

Os bastos, da casa Brüggemann, Pereira & C., pisam o animal devido á escassez de couro, na parte superior, que, ao contrario do que deveria ser, foi reduzido, em desacordo com o que apresenta a amostra approvada pelo Governo. A vaqueta que é empregada nelles é crúa, dura e quebradiça, de onde resulta offender o cavallo, produzindo até chagas, como muito bem o nota o 1.º tenente sr. Mario Cruz. Este mesmo mal é aggravado por mais isto: a parte inferior dos bastos é quasi toda de retalhos, quando, pelo modelo accetto para o fornecimento, devia ser inteira. E, para enfraquecer o artigo, o sr. Brüggemann determinou que se substituisse a linha outrora usada na costura, que era nº 18 ou 16, por outra, fina, de nº 30.

Baixeiros. A firma fornecida, em flagrante desrespeito ao contracto, em vez de serrem de vaqueta bem curtida, de couro de melo cortume, encebado.

As «bonetas», ou «chouriga de rabicho» devem ser costidas á mão, pois nestas condições é que é a amostra. A sellaria fornecedora impingee ao Governo costidas á machina o que as torna fraquissimas, pois arrebentado um ponto toda a «chouriga» se descece.

Outras fraudes ha na manufactura dos sellins e arreiaamentos, e essa os signatarios se compromettem a apresentar, uma por uma, o provas-as categoricamente.

E neste sentido aguardamos a accção do honesto governo de V. Ex., que para gloria da Republica e confraquecimento do vesso impolluto renome de administrador integerrimo, não deixará impunes os escandalosos abusos com que, á custa do erario publico e da saúde de officiaes e praças do Exército, vai enriquecendo a firma Brüggemann, Pereira & C., cujo director tecnico é, além de outras coisas bem pouco agradaveis aos brazileiros, amigo do ridicularisar tudo quanto é de país.

Acceltee, Excmo. Sr. Presidente, o testemunho da nossa admiração e do nosso mais sabido acatamento.

Porto Alegre, 1.º de Março de 1911

Ricardo Maciejewski
Pompilio José Martins
Nicola R. de Guarilha

(Firmas reconhecidas)

Reforçando a denuncia acima publicamos em seguida a seguinte

DECLARAÇÃO

Os abaixo-assignados, operarios em «greve» da Sellaria Militar Brasileira, de Brüggemann, Pereira & C., de Porto Alegre, autorisam os seus companheiros Ricardo Maciejewski, Pompilio José Martins e Nicola R. de Guarilha, a denunciar perante o presidente da Republica e o ministro da guerra, as fraudes commettidas pela referida firma no fornecimento de sellins e arreiaamentos para o serviço do Exército Federal.

Os infrascriptos assumem, com aquelles companheiros, a responsabilidade disso, e compromettem-se a auxiliel-os a orientar as sindicancias na descoberta e verificação de todas as citadas fraudes.

Porto Alegre, 25 de Fevereiro de 1911

Nicanor Alvaro Monca, Fructiano de Souza Valle, Luiz Gonzaga Fernandes da Silva, Francisco F. Cunha, João Francisco Salvyro, Manoel de Vargas Lima, Alfredo de Souza, José Felice Felicio, Avelino Antonio Rosa e Felipe Eduardo Wolf.

CABANHÓLAS

II

Estivadores, tremel!
Dos pés, ao magro toulco,
Agora, vão ver serviço
Todos vós, a vossa grei.

O meu collega «Arcalon»,
Preposto da Companhia,
Foz de parte á fidalguia
Contra as regras do bom tom.

E, com requintado mal,
Voa ameaça, torcer,
E' trabalhar ou morrer,
A' mingua de capital.

Ao dilemma do bedelho
Não ha meio do fugir,
Não ha fugir, nem magr,
Vamos, pois, dar um conselho.

«A começar a «chana»
Deveis vós, vos preparar,
E ao corujeiro offerter
Palmas, flores e... bananas.

RUY BRABO

Rechos Operarios

Continuar, talvez ainda por muitos dias, a greve dos estivadores, que em tão occasião de verificar que só uma organização bem solidificada por uma Associação de Resistencia, poderá amparar os da prepencia e do menosprezo em que jazem, fartamente evidenciada. Agora, em vista da resposta aos seus pedidos de augmento do salario.

Estas agitações, estas greves, encerram lições que devem ser aproveitadas, não só pelos espiritos refractarios, como pelos convictos da grandeza e da força masculina dos homens do trabalho.

Estas greves encerram lições, repetimos, para todo o proletariado, que deve já ir comprehendendo, que a sua instrução é tão necessaria, como o pão para o boccá.

Os factos que se têm desenrolado são a prova flagrante de que a burguezia se tem aproveitado abusivamente da ignorancia de muitos que se deixam embeber com as suas cantilenas.

Mão grado, porém, a sua flancia, a «Federação Operaria» segue-lhes os passos, obtendo as suas egoticas tentativas e mavericas intenções.

«O Exemplo» que é fracionamento solidario com os estivadores em greve reitera mais uma vez o seu appello nesta campanha reivindicadora dos direitos invertidos; assim é que por interprete do nosso sentir destacamos, a acompanhar o movimento, um dos nossos companheiros de trabalho, que traz-nos as notas respectivas, annunciando que alguma coisa os grevistas estivadores tem conseguido.

Cederam o augmento pedido, entre outros, os srs.: José Luiz Pereira, agente da companhia «Comercio e Navegação»; Bento Cabral, agente do «Lloyd Brazileiro»; Joaquim R. de Almeida, exportador; Luiz Antunes & C., exportadores; Antonio de F. Gomes, pelo «Centro de Banha Rio Grandense»; João Pedro Gil, proprietario de navios; Santi Menegheti, exportador; Azevedo Fróes, gerente da secção de ervamalte da casa Otero Gomes & C.; João Schmitt Filho, exportador; e Maristany Junior & C., os quaes pagarão a diaria de 78000.

E' edificante! Estas companhias, estes exportadores accedem, concordam que o estivador precisa ganhar mais, e isso nenhum prejuizo lhes acarreta, enquanto que outros, quasi sem consciencia, negam-se allegando prejuizos e para substituirem os grevistas, lançam mãos de todos meios, até de duras perseguências.

E' edificante!

Muitos dos grevistas, que não quiseram sujeitar-se a imposição dos 50000, em numero superior a 100, ao contrario do que os jormais noticiaram, têm sido chamados a trabalhar nas casas em que se occupavam; pois que o pessoal novo empregado não presta-se ao trabalho da estiva, por não ter as aptidões precisas.

Em vista, pois, da greve ter sido turada por um grupo de tracos, é facil que alguns voltem ao trabalho accatando interesses, pois que no presente movimento não houve vencidos, e sim foram ludibriados na sua boa fé, por esse grupo, que sem

O Exemplo

Para fins convenientes provenientes nos arts. assignantes e annunciantes deste periodico que:

a cobrança de assignaturas proceder-se-a sempre após no primeiro mez da entrega do ornal;

a de annuncios, após a primeira publicação do mesmo, quando tenha de ser publicada de mais de uma vez; caso contrario, será feita no neto da entrega do original.

as reclamações, de qualquer natureza, referentes ao serviço da gerencia ou da direcção, só serão attendidas quando feitas por escripto ou pessoalmente ao gerente ou ao director do "Exemplo".

ASSIGNATURAS:

Table with 2 columns: Anho, Semestre, Trimestre, Numero avulso. Values: 10\$000, 5\$000, 2\$500, 8\$00

ESCRITORIO

Rua Coronel Genuino n° 64 C

convicções, e sem apoio procuru então furar a greve.

O Exemplo lamenta este desmoramento, dos menos responsáveis que teve como consequencia o fracasso da greve na vespera da victoria, mas os estivadores não se devem deixar escravizar, e tratem de organizar-se solidamente, pois que a sua aspiração será ainda satisfeita a exemplo das da cidade do Rio Grande, onde elle percebem a diaria de 7\$000 e 9\$000.

AMOROSAS

CARISSIMO A. DUTRA

Ha muito ardia no desejo de, com a vavula dos affectos ás escancaras, saudar-to pela expansibilidade solidaria com que recebeste a nova direcção do "O Exemplo" cheia de boas vontades, que o vigor da medecidade impulsiona, para demandar o oriente da rota utilitaria que procuramos palmilhar na sociedade em que vivemos, sustentando a publicação deste periodico; rota de vez em quando entorpecida pelas murisquetas dos macacos humanos que, á sombra da pureza dos ideaes transcendentes, entendem de com uma puxada ganhar duas manilhas: matar o vicio do genio folgazão, persuadindo-nos a ser robodados, apparentando ao mesmo tempo ficticia seriedade sob a capa de adeptos de principios regeneradores dos costumes da humanidade.

Acabam de dar-me ensejo para o meu gaio desabafo os tenesitabiscos publicados nesta folha a 26 do mez p. passado.

É verdade que na ebullição dos arroubos da mocidade que sob a acção ignea do sol da phantasia que nos offusca o bom senso, fazendo-nos sophismar o direito das cousas, temos tido occasião de estar de frente um para o outro, na posição de duelistas á espera da voz de — fogos!

Porém passada a retrega pela fumeação lenta, evoluta da razão que crepita no fundo d'alma juvenil de Arnaldo Dutra, acalentada nos bafejos de uma consciencia adolescente, convence-nos que teremos nella, sem desfazer nos demais, um bom companheiro de jornada.

E essa conclusão resulta dos traços criteriosos com que foram medidos os "Rabiscos" que provocou a effusão desta "Amorosa".

Lendo estes judiciosos conceitos que encerram os "Rabiscos":

"É uma verdade, cruel é certo: a mocidade pouco importa-se com a instrucção.

"É uma questão secundaria para ella.

"Não abre um livro; não gasta duas horas em uma leitura útil.

"Não comprehende que só lendo terá a boa educação; que o livro é a luz; a revolução.

Para a mocidade actual, só ha uma attracção — o baile; é a sua maior preocupação.

"O prazer do baile subjuga todos os outros.

"E assim esta mocidade fica conspurcada de homens sem estímulo, que não tentam erguer-se, preparasse para poderem ser os advogados de seus proprios direitos.

"É tirando uma linha-da resenha "Caravall" na "rua" publicada no "Exemplo" de 5 do corrente, tive o pezar de vór quanta verdade ahi polala!

Figuraram nos folgados carnavalescos, dando dispendiosos balles á phantasia, "O Recreio das Flores" sociedade de meninos e meninas; "Orgulho da Mocidade" de moçinhas; "Borboletas", idem.

Tres sociedades de meninas, preocupadas com a fuga, felicidade de umas horas de baile, onde, incautamente com as caras sarapintadas, os olhos fascinados pelo fulgor das lenteiolas, e os ouvidos atordoados pelo zabumbar do "Za Pereira" e pela loquela fevral dos namorados de festa, amolocam a indole, obcecaram os melindres para, mais tarde deixarem-se arrastar a pollecia, para é exame medico legal ou á prostituição, por não terem tido tempo de aprender dar valor á sua dignidade pessoal; tres sociedades de meninas preocupadas com balles e nenhuma de Instrucção, onde sob a divisa de "Orgulho do Saber" preparassem os brios para salvaguardar o pudor dos assaltos dos conquistadores de donzellas; cultivassem a intelligencia, a fim de, para gaudio nosso e descepo do sr. "Ascalon", dirigirem, conscientes do seu valor pessoal as suas sociedades recreativas, como presidentes, secretarias e oradoras, sem precisarem "comer pela mão de outrem".

Porém, carissimo Dutra, retillio as coitadinhas não são culpadas!

Elas não passam do ingenuas e imprudentes piratas deslumbradas pelo fulgor das illuzões da vida, sem terem a dita de encontrar uma alma bem intencionada que as encaminhe pela realidade das cousas.

Culpados são esses velhos cascados hipidas sociais, bananeiras que desmancham, sem bananas, pastores de rebanhos que, não sabendo como aproveitar, gozar e pouco tempo que ainda lhes restam neste mundo, exploram a innocente vaidade infantil dessas ovelhinhas incautas com bombásticos elogios á sua influencia para a dança, consentindo e estimulando a organização dessas infructiferas agremiações; em vez de as encaminhar pela estrada da civilização aconselhando-as a fundação de estudantinas, onde, a par do divertimento aprendessem a fazer musica; promovendo festas de caridade, onde, pondo em practica os dogmas da religião que fingem adoptar — mates a fome á quem tiver fome — dissipassem a monotonia da existencia o programma festivo para essa acção.

Deinha, carissimo Dutra, o tentameo altruistico da fundação de um asylo (e 13 de Maio) para abrigar-se os orphãos desvalidos, repudiados, ou, si accellos, maltratados pelos recolhimentos extinctos; no entretanto aproxima-se a gloriosa data com a qual se apadrinhou a magnanima idea, e não necessitam que alguma dessas "crianças-barbadas", tão influencias para reunir as moçinhas em asylos de baile, onde estragam dinheiro, a roupa e os costumes, tenham se lembrado de organizar uma festa, um picnic no terreno destinado no levantamento do pio edificio; uma festinha, onde, após a atacante precisão do apostolado da Caridade infantil, se collectasse um tostão de cada uma socia do Orgulho, das Borboletas, e do Recreio, e dos demais circumstantes, despertando nas alminhas glacia de nossas gentis patriçias... a amar ao proximo como a si mesmo, com o coração aliviado pelo oxigenio impregnado das emanacões tificantes da devisa.

Não esses cascados velhos, carissimo Dutra, os culpados do desvio da orientação civilisadora da nossa juventude.

Descaque-os carissimo Dutra, descaque-os!

No final, não vos tendo presente para sem um aperto de mão symbolizar a cohesão de nossas ideias na maneira de encerrar as necessidades do nosso meio social, cá fico como uma personagem do "Tim Tim Merim" á exclamar sósnho, acundindo o "Exemplo" dos citados Rabiscos: Muito bem, seu Dutra, muito bem! Prosiga, prosiga!!

SILVA MAXSINHO

PORQUE SERÁ?...

Que a valente policia administrativa domingo ultimo, não quiz exhibir as suas forças e o poderoso valor de suas espadas e reflex praticando assim uma vergonha, recuando quando devia avançar??!!

As tres irmas do poeta

É noite! as sobras correm nebulosas. Vão tres pallidas virgens silenciosas. Atravez da procella irrequieta. Vão tres pallidas virgens... vão sombras Rindo, collar nam beijo as boccas frias...

Na bocca calmsadora do — Poeta —

— Saude, meu irmão, és sou a Indifferença. Sou eu quem o teu negro pão consume... O teu misero pão, misero atleta! Hoje, amanhã, depois... depois (qu'importa?) Virei sempre sentar-me á tua porta...

— Eu lutarei! responde-lhe o Poeta.

— Saude, meu irmão, eu sou a Fome. Sou eu quem o teu negro pão consume... O teu misero pão, misero atleta! Hoje, amanhã, depois... depois (qu'importa?) Virei sempre sentar-me á tua porta...

— Eu soffrerei, responde-lhe o poeta

— Saude meu irmão, eu sou a Morte. Suspende em meio o hymno augusto e ferto. Marquetel-te a fronte, misero propheta! Volve ao nada! não sentes neste enleio Teu cantico gelar-se no meu seio?

— Eu cantarei no céo, responde-lhe o Poeta!

Castro Alves.

Ora diga leitor, se não tenho razão de assim dizer.

Porque, que estes homens que põem aquelle parlamento para manter a ordem, domingo p. passado, por occasião do incidente do povo com a Força e Luz, não investiu contra os revoltosos? Porque que não os espancaram? Porque que não os aprisionaram???

— Era impossivel: é o que elles não do dizer.

— Como impossivel, digo eu; se é possivel, pegar uma pobre mulher e espancá-la depois de a terem prendido, sem esta ter feito o minimo protesto para seguir?

Era impossivel porque viram que o povo já está cansado de apanhar por qualquer arruaça e cançados de aguentar os abusos da Força e Luz — por occasião de festas!

Sendo assim, aproveitaram a oportunidade, e mataram — duina cajadada dois colheiros.

Agora meus amigos, haveis de ver como não apparecerá jamais, na "Força e Luz" um "gresso" — como diz o "zê" — que no meio de uma aglomeração de pessoas grite, como aquelle que até hoje occultam o seu nome, que gritou com voz bem alta: "Meita sete pontos, que por causa do povo a companhia não pode ter prejuizos!"

E, nem na administrativa, um guarda que queira fazer a minima parte das injustiças como até então elles têm feito.

Deixemos a policia e viremos-nos para o sr. Alfredo Porto Alegre.

Porque será que este sr. tem feito tanta carga, tantas intrigas, nos pobres estivadores que, com todas as suas razões, reclamam augmento de seu salario?!

— Ganhará por acaso alguma coisa com isto?

— Não se lembrará que, hoje é um simples preposto da "Companhia Hamburgueza" e reporte do "Jornal do Commercio", e que amanhã á desventurada sorte pode faltar-lhe com a protecção, e então ter que bater á porta destes homens, chorando, mendigando, sollicitando que lhe mattem a fome???

Creio que sim, porque dizer e fazer o que elle tem dito e feito só sendo muito bem remunerado!!!

Porque será que, para certos jornalistas, os homens de cor preta não merecem o qualificativo, conforme a acção que praticarem, ou trato commum aos individuos, quando teñha que se fazer uma referencia vaga; e sim o de — preto — para tu do?...

"Si matton, fol o 'preto'; si roubou fol o 'preto'; si vendeu fol o 'preto'!"

Não são capazes de dizer, o individuo, o ladrão, o assassino, o negociante, nada, é o 'preto'!

Para elles, o ser preto, é uma falta especie de gente para a qual ainda não organizaram um tratado

grammatical para ser gusto com ella. Se não vejam no "Echo do Povo" de 8 de março de 1911.

"Como Moyses contava os ovos..."

Um dia Moyses parou em frente da porta da idosa senhora Buston, a qual veio em pessoa negociar com o pretos...

Porque não com — o quilandeiro lagarela ou cousa que o valha? ... No entretanto não se sabe si a srta. Buston é de cor branca ou preta; e nem faz falta este detalhe.

— Mas adiante: O preto conta os ovos: 1, 2, etc.

Porque não — o espertalhão, o vendedor, ou cousa semelhante!

Porque será isso? ... Não perderão os pretos ao mesmo genero humano dos branco? ...

E, note-se (dianos á nossa cabeça a cutelo) que si o redactor do "Echo do Povo", não é neto de algum "preto" pai Zuzú, o é de alguma "preta" mãe Maria!

Já é tempo de espurgar esta mazel-a no menos das columnas dos jornaes.

Objectar-nos-ão que se trata de uma transcrição do tempo do arri. De accordo; porém o jornalista da actualidade, que queira aproveitar alguma cousa boa do espolio literario do passado, deve ter o trabalho de polia de accordo com os reclames da nossa actual civilização Deve aproveitar o sumo e desprezar o bagajo.

SILVA CABULOSO

GREVE NO CEU — Continuamos hoje a publicar na terceira pagina e agradabilissimo conto a "Greve no Ceu".

Sport Hippico



Por absoluta falta de espaço, deixamos de dar domingo ultimo os nossos cotadissimos palpites.

Pedindo aos leitores afficionados, mil desculpas por semelhante falta, aqui nos achamos neste cantinho, prompto a não mais faltar com tão procurada e imprescindivel secção.

Certos da absolvição plena, sem o auxilio do incansavel "abeas-corpus", abaixo damos os prognosticos para o programma de hoje, sem que entremos em commentarios, pois que a carencia do alludido espaço cá, por casa, ainda é forte.

(Ade parco reclame)

Table with 3 columns: 1º lugar, 2º lugar, Azarcs. Lists names like Filha do Sul, Dionea, Darby, Espinho, Jathay, Stella, Darby, Gamela.

Calendario social

Fazem annos:

a 10 — a exma. srta. d. Analia Santarem Rabello, esposa do sr. Julio Rabello; a exma. srta. d. Maria das Dorcas Costa;

Fez annos:

a 17 — o sr. tenente Lino de Souza Marquet; a 18 — o sr. Horacio Vellozo.

Esteve em festa, no dia 10 do corrente o lar do nosso amigo Julio Rabello por motivo do anniversario de sua exm. esposa d. Analia Rabello. Muitas foram as pessoas amigas que a foram cumprimentar por aquelle motivo.

MATRIMONIO — Terça-feira, 7 do corrente, uniram-se pelos laços matrimoniaes o joven Mario Villa Nova e a interessante senherita Amalibia Dornelles, irma do nosso amigo Francisco Xavier. Aos nubentos parabens.

Instituto de Electro Technica

De ordem do sr. engenheiro chefe faço publico que é aberta hoje, e será encerrada a 10 de março proximo, a inscricção para a matricula nos diversos annos do curso.

Ainda mais, que até o dia 23 do corrente mez, deverão ser feitas as inscricções para os exames de que tratam os arts. 56 e 57 dos estatutos.

Tanto os requerimentos de matricula como os de inscricção para exames deverão vir acompanhados de todos os documentos exigidos pelas disposições em vigor.

Secretaria em Porto Alegre, 9 de fevereiro de 1911.

E. Hahnfleich, 1º auxiliar.

D'aqui e... d'alem

RECREIO DAS CRISONTEMAS — Realizou-se, sabado penultimo, no salão da antiga Floresta Aurora, a instalação da sociedade Recreio das Crisontemas.

O salão estava repleto de gentis senheritas. Houve sessão solenne fazendo uso da palavra por esta occasião além da oradora official, varias socias e convidadas.

As danças que estavam sob a direcção de senherita Ilda do Prado, correram animadissimas até ao alvorecer.

Agradecemos a gentileza do convite.

CLEMENTE CABRAL DOS SANTOS. — Vindo do Rio Grande achase ha dias entre nós o conceituado cidadão alli residente, sr. Clemente Cabral dos Santos.

Hospeda-se s. em casa de nosso amigo Manoel do Nascimento Correa.

Que gose de boa estada, são os nossos votos.

UNIAO TYPOGRAPHICA — Realisa-se, hoje, uma sessão de assembleia geral desta sociedade, na qual tratar-se-á de assumptos importantes.

JOSE AUGUSTO COELHO — Ti-vemos, na manhã de 9 de corrente, o ineffavel prazer de comprimir ao peito num abraço de sincera solidiedade, o nosso amigo e conceituado negociante na Taquara, o sr. José Augusto Coelho.

O estimavel cavalheiro que veio á esta capital a negocio, aproveitou o ensejo para, pessoalmente, fazer-nos o valioso auxilio da importancia de sua assignatura annual, estimulando-nos em delicias palestra, a proseguirmos sem emporcamentos nessa campanha regeneradora dos nossos costumes sociaes, mantendo vivas este protesto impresso — O Exemplo. S. S. tomou passagem no trem da tarde com destino á Taupara, onde reside. Desejando ao amigo prospera viagem, deixemos nestas linhas expresso o peñhor de nossa gratidão.

Serraria de lenha

a vapor

Rua Voluntarios da Pátria No. 200

Esta casa acha-se montada em condições de attender ao mais exigente freguez. Tem sempre em deposito lenha serrada de diversos tamanhos, e por preços sem competencia.

Emiliano Marquez

Telephone n. 250.

GRANDE ARMAZEM
— de —
Seccos, Molhados e Especialidades
JOAQUIM FERREIRA DA SILVA
Rua Duque de Gaxias n. 122, esquina da do General Bento Martins
O TELEPHONE GANZO 254 O

Além de completo sortimento de generos nacionaes e estrangeiros, vendem-se ferragens, tintas, oleos, louças, vidros, crystaes, soda caustica, sabão para metais, cal, telhas, ripas, cimento, tijollos, tijolletiras, bras, cordas, objectos de funilaria e drogas. — Vinhos verdes, maduros, brancos, Rheno, Champagne, Moscatel, Porto e nacionaes. — MIUDEZAS.

Importação directa

AÇUGUE - Carne superior e de porco
Fabrica do excellente café — Electrico

Salão Democrata
de
Alvaro B. dos Santos
Para barbear e cortar cabellos

Esta casa acha-se em regulares condições de bem servir a sua freguezia; compromettendo-se o proprietario a esmerar-se em seus trabalhos.

Rua Christovam Colombo 21
(antiga Floresta)
esquina da Rua Garibaldi.

Clichés!

Germano Grundlach & Comp.
Porto Alegre.

A casa Club
de
SALVADOR SERRANO

Officina de ourives. — Concerta-se joias, relógios e gramophones

Especialista na confecção de anéis profissionaes e em cravações para brilhantes.

„in preços esta casa não tem competidor.

Compra ouro, prata e brilhantes por preços maximos.

Ninguém venda ouro, prata ou brilhantes, sem procurar a CASA CLUB

287 — Rua dos Andradas — 287.

Instituto Technico Profissional

Ensino completamente gratuito para os meninos pobres e filhos dos operarios

Reabertura das aulas no dia 15 de março

As inscripções se abrirão no dia 15 de fevereiro corrente e se encerrarão no dia 10 de março proximo.

Os requerimentos de matricula, dirigidos ao engenheiro chefe do Instituto, serão feitos pelos paes, tutores ou encarregados, deverão ser acompanhados dos seguintes documentos:

- 1.º — Certidão de idade ou documento equivalente que prove ter o candidato de 10 a 15 annos.
- 2.º — Atestado de pobreza passado pela autoridade municipal do districto em que residir o requerente, ou atestado do ser operario, passado pelo chefe da fabrica, officina ou estabelecimento em que o mesmo trabalhar.

Todas as demais informações serão dadas na secretaria do Instituto.

ATENÇÃO!

Pedimos aos nossos leitores, para no baratinho, que se publica nesta folha, do

Armazem
Costa Junior

leia-se:

Banha, lata de 2 ks. 2.400
Queijo Serrano, k. 1.800
Milho, kilo 140

Quereis beber
boa cerveja?

Preferi as das marcas

.. .. Oriente
— E —
Commercial

fabricadas por,
Bopp Irmãos.

Folhetim

VERIATO CORREA

Uma greve no céu

1

S. José ia dizer ao devoto que era impossível a entrada, mas o homem fitou-o de tal maneira, com tal petulancia assim como quem diz:

— Então você tem ou não prestigio aqui?

O doce marido da virgem estremeceu, emmudecendo.

Depois:

— Mas é muito grande, Pedro?

— Enorme. Impossível.

O devoto não despregava os olhos do seu Santo.

— Impossível! Então do que vale a nossa conceira na terra!

Todo o meu cuidado lá era em S. José: quando vinha dormir rezava, quando acordava rezava. E as fes-

tas e a irmandade que se levantou ao meu esforço?! E a imagem grande com o resplendor do ouro?! Então tudo isso não vale?!

— Está vendo Pedro? Elle no fundo era um bom, um dedicado: dá-se desconto e deixa-o entrar.

— Eu? Não vê! Então tu pensas, Zé, que não me doem as lengalengas do Eterno de que o serviço vai mal, de que tudo está relaxado, de que ninguém se dedica ao serviço?! Não estou mais sujeito a isso. Agora só entro quem estiver limpo, só. Este sujeito é um tratante, e elle que tor que a andar o não me amole.

O devoto esparramou-se na cadeira com os olhos cravados em S. José, como quem diz: — não salo daqui sem ver o fim dessa coisa, quero ver o teu prestigio. S. José comprehendeu. S. José chocou-se.

— Deixa-o entrar.

— Não deixa, já disse, gritou S.

Pedro.

— Não grite, zangou-se S. José.

Estou a lhe falar com delicadeza, ouviu? É capricho seu, não é? Pois

ha de entrar porque eu quero.

— Não se levante dahi e espere.

II

S. José seguiu à presença do Eterno.

— Bravo! Tão cedo por aqui!

Como vais? fez a Omnipotencia.

— Uma reclamação. Uma teima de Pedro.

— Este Pedro está impossível. Não ha dia em que não venha uma queixa.

— Mas a minha é mais seria. É uma questão de honra. Ha ahí em baixo um homem, meu devoto, um extremado e, porque fez umas coisinhas lá pela terra, o Pedro implicou e não o quer deixar subir.

— Pedro vai mal. Então não quer que o tal homem entre?

— Caprichos.

O Eterno levou o dedo no botão de uma campainha electrica. Um criado appareceu de mãos cruzadas sobre o peito, reverente.

S. Pedro entrou depois.

— Que historia é essa? Perguntou a Omnipotencia. José traz uma queixa contra ti, Pedro, precisas

andar direito, esta coisa não vai bem.

O calvo porteiro não deu uma palavra. Uma onda de sangue apenas ruborizou-lhe a lisa esplanada da testa.

Serenamente poz os olhos e, solemnemente e grave abriu o livro e com o dedo na pagina, fitou o Senhor.

— O homem de José é este.

O Eterno lançou os olhos pos cima da folha e, depois, escandalizado, voltou-se para o esposo de Maria:

— O' José! Pedro tem razão!

O carpinteiro ficou da cor de um pimentão maduro, os seus olhos saltaram: tremulamento e a sua garganta emperrou. Por fim todo elle se sacudiu numa revolta, num rumor de raiva:

— Afinal de contas, fico eu desmoralizado!

— Não é questão de desmoralização, José, fez o Eterno. É questão de justiça.

E com a pagina do livro aberta, apontou:

— Lê isto, vê lá se é possível.

José deitou os olhos demoradamen-

te na folha branca, pensou por muito tempo e falou:

— Não acho nada de mais. Coisinhãs.

— Coisinhãs, Zé, Coisinhãs? repetiu o Poderoso escandalizado.

— Coisinhãs sim! Uns peccadinhos sem valia.

— Sem valia? José tu me estás desgostando. Então estes peccados não tem valia! E os dois sabonetes do turco? . . .

— Ora, dois sabonetes . . . E além disso de um turco. Um homem que nera christão era.

— E o fogo, as fichas rumbadas, a criança espancada, os cincoenta contos do banco!

— Que tem isso ao lado da devoção extremada?

— É a ventarola do „pierrot“?

— Esta é muito boa! Então por uma ventarola deixa-se de salvar uma alma?

— E então, Zé! é dos estatutos. E os ovos de marreco!

(Continua)

